

UMA ANÁLISE DOS PRELÚDIOS DE "A PEQUENA FADETTE" DE AMANDINE A. L. DUPIN E "MIDDLEMARCH" DE MARY ANN EVANS

Elaine Cristina Senko Leme (UFPR/UNIOESTE/PUCPR)¹

O meticuloso exercício da escrita pode ser a nossa salvação

Isabel Allende

Resumo: A questão do estudo sobre a mulher deve ser ainda mais partilhada para que possamos iluminar o entendimento das pessoas. Nesse estudo partimos do escopo conceitual de Simone de Beauvoir ao demonstrar a dificuldade de reeducar-se sob uma perspectiva feminista além de como encontrar-se enquanto mulher e de Judith Butler quando realiza críticas ao feminismo com relação ao argumento da identidade de gênero. As escritoras Amandine Aurore Lucile Dupin (George Sand) e Mary Ann Evans (George Eliot), em que destaco suas obras "A pequena Fadette" e "Middlemarch", respectivamente, foram ambas escritoras que tiveram de utilizar nomes masculinos para que suas obras fossem amplamente lidas no século XIX. Mas para além disso as duas promoveram contestações em defesa do feminino diante de suas sociedades conservadoras, ponto que gostaria de problematizar através dos prelúdios de suas obras onde contém as recomendações das autoras sobre as mulheres aos leitores.

Palavras-chave: Amandine Aurore Lucile Dupin; Mary Ann Evans; escritoras

Abstract: The question of the study of women must be shared even more so that we can illuminate people's understanding. In this study, we start from the conceptual scope of Simone de Beauvoir when she demonstrates the difficulty of re-educating herself from a feminist perspective, as well as how to find herself as a woman, and from Judith Butler when she criticizes feminism in relation to the argument of gender identity. The writers Amandine Aurore Lucile Dupin (George Sand) and Mary Ann Evans (George Eliot), in which I highlight their works "The Little Fadette" and "Middlemarch", respectively, were both writers who had to use male names so that their works could be widely read in the 19th century. But in addition to that, the two promoted contestations in defense of the feminine in the face of their conservative societies, a point that I would like to problematize through the preludes of their works, which contain the authors' recommendations on women to readers.

Keywords: Amandine Aurore Lucile Dupin; Mary Ann Evans; writers

Artigo aceito em: 11/03/2022

Artigo aceito em: 11/07/2022

¹ Doutora em História pela UFPR. Pós Doutora em História pela UNIOESTE. Graduanda em Letras PUCPR. Mestranda em Letras UNIOESTE. Contato: elainesenko@hotmail.com

A questão do estudo sobre a mulher deve ser ainda mais partilhada para que possamos iluminar o entendimento das pessoas. Nesse estudo partimos do escopo conceitual de Simone de Beauvoir ao demonstrar a dificuldade de reeducar-se sob uma perspectiva feminista além de como encontrar-se enquanto mulher e de Judith Butler quando realiza críticas ao feminismo com relação ao argumento da identidade de gênero. As escritoras Amandine Aurore Lucile Dupin (George Sand) e Mary Ann Evans (George Eliot), em que destaco suas obras *A pequena Fadette* e *Middlemarch*, respectivamente, foram ambas escritoras que tiveram de utilizar nomes masculinos para que suas obras fossem amplamente lidas no século XIX. Mas, para além disso, as duas promoveram contestações em defesa do feminino diante de suas sociedades conservadoras, ponto que gostaria de problematizar através dos prelúdios de suas obras onde contêm as recomendações das autoras sobre as mulheres aos leitores².

Partindo também dos estudos dos aspectos do ponto de vista, como Chimamanda N. Adichie sinaliza de um “ecossistema feminista”³ em que diversos elementos dos feminismos perpassam a escrita histórico literária de acordo com a autoria, proponho uma investigação dos elementos de contestação em defesa do feminino por duas escritoras do século XIX. Essa escolha foi inspirada por leituras de Simone de Beauvoir⁴ no sentido da dificuldade em se desconstruir de padrões socialmente impostos e se encontrar enquanto “mulher”, de Joan Scott ao se desconstruir desses vícios do pensamento ocidental como a oposição tida como

² "O romance *Middlemarch*: um estudo da vida provinciana, lançado em 1874 pelo escritor George Eliot, é considerado hoje uma das melhores obras da literatura inglesa. A escritora Virginia Woolf chegou a chamá-lo de ‘um dos poucos livros ingleses feitos para gente grande’. Na França, no mesmo século 19, George Sand também deixava sua marca na literatura. Ele foi descrito pelo autor russo Fiódor Dostoiévski como ocupante do ‘primeiro lugar nas fileiras dos escritores novos’. Recentemente, o governo francês debateu enterrar seus restos mortais no Pantheon, ao lado de nomes como Victor Hugo e Voltaire. Curiosamente, ambos os Georges, o britânico e o francês, eram mulheres, que usaram pseudônimos masculinos para publicar". Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-43592400> (Acesso em 06/07/2021).

³ Ver mais em ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. E ligado ao conceito de pós-feminismo quando da multiplicidade de feminismos.

⁴ BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007; BEAUVOIR, Simone. *Memórias de uma moça bem-comportada*. RJ: Nova Fronteira, 2017.

universal e atemporal entre homem e mulher, além de Judith Butler⁵ que defende essa desconstrução do gênero saindo do aprisionamento posto por regras sociais antiquadas e encontrando-se em sua própria identidade e autenticidade. Considero que Amandine e Mary Ann são mulheres que dialogavam no século XIX com essas percepções da desconstrução para se encontrarem, enfrentando sociedades misóginas.

Nesse estudo histórico-literário apresentamos primeiro Amandine Aurore Lucile Dupin (1804-1876) que foi uma famosa romancista francesa e frequentadora de rodas intelectuais de sua época. Quando era criança viveu entre Paris até seu pai morrer e foi enviada para Nohant onde seria criada por sua avó Marie Aurore de Saxe. Sua avó a matriculou no Couvent des Anglaises em Paris. Lá, Amandine foi se aproximando cada vez mais da vida cristã ao ponto de desejar ser freira. Isso fez com que Marie Aurore a buscase e voltasse com ela para a vida em Nohant. Amandine amava muito sua avó e ela era seu exemplo de vida. Quando Marie Aurore faleceu deixou a herança para Amandine, só que ela deveria se casar para receber de fato essa herança. Assim ela casou em 1822 com François-Casimir Dudevant, tendo dois filhos e se divorciando em 1831. O divórcio naquela época era um fato raro e isso chamou a atenção dos habitantes de Nohant. A partir desse momento ela escrevia para o Jornal *Le Figaro* ao lado de seu companheiro Jules Sandeau e ambos assinavam sob o pseudônimo de Jules Sand. De acordo nesse sentido com D. A. Garcia, S. S. V. Morais e H. de O. Lee:

Instalada em Paris, começou a colaborar com o jornal *Le Figaro*, onde conheceu o escritor Jules Sandeau, que foi o segundo a apresentar-lhe o

⁵ BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. "Butler irá lembrar a famosa frase de Simone de Beauvoir: 'Não se nasce mulher, mas se torna mulher'. Nesta frase, segundo Butler, não há nada que prove que o sujeito 'mulher' seja necessariamente fêmea, pois o 'se tornar' mulher é induzido pela 'força' cultural, e não por uma 'força' advinda do sexo. Assim, o gênero é gerado por uma sequência de atos, sendo ele 'a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser' (BUTLER, 2013, p. 59)". PACHECO, Juliana. Judith Butler: a filósofa da desconstrução. PACHECO, J. (org.). *Filósofas: a presença das mulheres na filosofia*. Porto Alegre: Editora Fi, 2016, p.380-381.

mundo da literatura. A primeira pessoa foi sua avó, que, desde cedo, fez Aurore ter acesso à literatura. Em parceria com Sandeau, escreveu seus dois primeiros romances assinados com o pseudônimo de Jules Sand. Naquela época, Aurore descobriu como era fácil escrever, atividade que desempenharia até o fim de seus dias. Ela praticava quase todos os gêneros, peças de teatro, ensaios, artigos de jornais e romances, usou linguagem que atraiu igualmente a paixão dos homens, os corações das mulheres e a imaginação das crianças. Em Paris, ela fez amizade com as pessoas mais famosas da época. Entre eles, o escritor Honoré de Balzac, o poeta Gustave Flaubert, Franz Liszt, compositor polaco, e o pintor Eugène Delacroix⁶.

Depois disso Amandine reivindicou sua autonomia literária porém para isso acontecer teve que se utilizar do pseudônimo “Georg Sand” desde 1832⁷. Temos dois aspectos sobre isso, tanto para o caso de Amandine A. L. Dupin quanto de Mary Ann Evans que veremos depois: ao utilizar o pseudônimo podemos considerar que as autoras viviam numa sociedade misógina e tinham que se utilizar de nomes masculinos para serem aceitas no mundo editorial da época, mas por outro lado elas se transfiguravam em seus pseudônimos para irem ao embate editorial junto aos escritores homens assim igualando suas condições intelectuais. Nesse texto utilizamos da polifonia de seus nomes verdadeiros e seus pseudônimos,

⁶ GARCIA, Dolores Aparecida; MORAIS, Simone Sanches Vicente; LEE, Henrique de Oliveira. Autobiografia de George Sand: uma mulher à frente de seu tempo. REVELL: Revista de Estudos Literários da UEMS, v. 1, n. 15, p. 342-343, 2017.

⁷ "George Sand era a francesa Amantine Dupin, uma das autoras mais prolíficas de sua época. Ela escrevia contos de amor e de diferenças de classe, criticando as normas sociais. E também escreveu textos políticos e peças, que encenava em um teatro particular. 'Naquela época, uma mulher que tinha atividade intelectual estava cometendo uma transgressão enorme', disse à BBC Brasil Sandra Vasconcelos, professora titular de Literatura Inglesa e Comparada da Universidade de São Paulo (USP). 'As que ousavam publicar usando seus próprios nomes recebiam muitas críticas, porque estavam extrapolando o papel designado para elas. A maioria acaba usando pseudônimo porque não quer se expor publicamente'. Agora, um projeto brasileiro da empresa HP e de uma agência de publicidade quer estimular a leitura dessas e de outras autoras com novas capas, que mostrem seus nomes reais. 'Queríamos reimprimir a História, que, por diversos motivos, não trataram bem essas autoras', disse à BBC Brasil Keka Morelle, a diretora de criação do projeto Original Writers (Escritoras originais, em tradução livre). Os livros das autoras do século 19 e do início do século 20, principalmente europeias, já estavam disponíveis no site Gutenberg Project - um projeto que oferece, gratuitamente, mais de 50 mil obras de domínio público. Mas a empresa decidiu fazer novas capas, que possibilitassem aos leitores conhecer a identidade real de suas autoras. Segundo Marcelo Rosa, produtor de conteúdo do projeto, o plano ainda inclui a tradução dessas obras para sua publicação em português - atualmente, elas estão em seus idiomas originais". Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-43592400> (Acesso em 06/07/2021).

Amandine/Sand e Mary Ann/Eliot, fazendo disso um ato de reconhecimento literário fundamental na atualidade.



Porta-retrato de Amandine Aurore Lucile Dupin (George Sand) por Auguste Charpentier (1813-1880)⁸.

Em seus romances defendia a exposição sincera do amor e a busca pela autonomia da mulher (sendo que ela mesma tentava isso!). Por sua escrita ser considerada mais política, os editores acreditavam que um homem escrevia e enviava os textos e não questionavam o tal George Sand... Faremos uma reflexão importante aqui, pois a escrita feminina pode partir de qualquer gênero e é construída pela visão de mundo da autoria do escrito. A vida intelectual de Amandine era agitada conhecendo - e até em alguns casos se enamorando de alguns deles. Além de Jules Sandeau, o músico Frédéric Chopin esteve ligado a ela entre 1838 e 1847, e

⁸ Porta-retrato de Amandine Aurore Lucile Dupin (Georg Sand) por Auguste Charpentier (1813-1880). Disponível:https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/d/db/Die_junge_George_Sand.jpg/220px-Die_junge_George_Sand.jpg (Acesso em 06/07/2021).

juntos criavam uma cena intelectual única. Também em sua vida procurou questionar as imposições de gênero⁹. Sobre Amadine vale a pena a reflexão:

Imagine-se uma mulher que fez carreira sozinha - assumiu-se como escritora profissional - participou intensa e ativamente na vida social, política e intelectual do seu tempo, foi sedutoramente feminina - desencadeou paixões avassaladoras nos corações dos homens mais interessantes da época - utilizou poses e vestuário masculinos, quando tal lhe convinha, adorava fazer "tricot" e conseguiu ser mãe de família, enquanto produzia uma obra formidável, numa média de dois romances e várias centenas de textos de não-ficção por ano. Falta dizer que foi uma amante da música e do teatro para o qual escreveu várias peças (MAUROIS, 1956). George Sand é protagonista da história de uma mulher que, pelo berço, se viu situada nos limites de duas classes e, pela educação, numa orla em que se encontravam o racionalismo do século XVIII e o romantismo do século XIX. Tendo perdido o pai ainda menina, desejou substituí-lo junto de sua mãe e, por isso, adotou uma conduta viril; fortalecida pela educação masculina que lhe deu um preceptor meio maluco, Deschartes, e pelas roupas de homem que ele a fez usar. Tal mulher encontrou-se, aos dezessete anos, independente, senhora de uma

⁹ "Durante os séculos 18 e 19, diz Vasconcelos, cristalizou-se o papel da mulher como primordialmente mãe e esposa dentro da família burguesa. 'A esposa era a responsável pelo mundo doméstico, da porta da casa para dentro. Muitas delas não tinham sequer acesso à educação formal. E toda mulher que tinha algum tipo de ambição para além disso era um ponto fora da curva'. Mulheres que desejavam se tornar escritoras de romances publicavam com pseudônimos ou mesmo anonimamente, a partir do século 18. A mais famosa delas é a inglesa Jane Austen. A capa de seu primeiro romance, *Orgulho e Preconceito*, diz apenas: 'Um romance. Em três partes. Escrito por uma dama'. Austen, na verdade, não publicou nenhum romance assinado em vida. Os seus livros seguintes eram creditados à "mesma autora" dos anteriores. Mas, no século 19, mesmo publicar anonimamente ficou menos comum. 'Escrever se tornou profissão e os romances se tornaram mais respeitados como gênero. A partir daí, ficou mais difícil para as mulheres terem autoridade cultural para assinar livros de ficção', disse à BBC Brasil Sue Lanser, professora de Inglês, Literatura Comparada e Estudos sobre Mulheres, Gênero e Sexualidade da Universidade Brandeis, nos Estados Unidos. 'A história ocidental é principalmente de autoridade masculina. Por isso as mulheres começaram a usar nomes ambíguos ou diretamente masculinos. Elas estavam tentando se autorizar'. Foi o que fizeram as irmãs britânicas Charlotte, Emily and Anne Brontë (Emily é autora de *O Morro dos Ventos Uivantes* e Charlotte, do romance *Jane Eyre*), que publicaram seus livros como Currer, Ellis e Acton Bell. A prática continuou com força até o início do século 20 - mesmo quando as escritoras em questão eram mulheres intelectuais, de famílias da alta classe e bem conectadas, como a francesa Amantine Dupin. Entre seus amigos famosos, estavam os escritores Gustave Flaubert (autor de *Madame Bovary*) e Honoré de Balzac (autor de *A Comédia Humana*), ambos seus admiradores e defensores. Mesmo assim, ela permaneceu como George Sand no mundo literário. O escritor russo Ivan Turgenev chegou a dizer: "que homem corajoso ela foi, e que boa mulher". Na vida social, Dupin causava polêmica em Paris por usar roupas masculinas, fumar em público e ter casos amorosos frequentes - coisas proibidas a uma mulher da época". Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-43592400> (Acesso em 06/07/2021).

propriedade em Nohant, uma casa, e procurou sempre, inconscientemente, tornar a criar esse paraíso livre de sua adolescência, pois nunca pôde suportar um senhor e pedia ao amor o que ela encontrava na maternidade: uma oportunidade de proteger seres mais fracos. Irritada com qualquer autoridade masculina, lutou para liberar as mulheres desse jugo e lhes assegurar a liberdade sobre seus corpos e sentimentos; e, por isso, exerceu sobre os costumes, influência extensa e útil. Católica a princípio, foi sempre cristã e acreditou estar em comunhão mística com Deus. Tornou-se socialista, porém permaneceu cristã, por generosidade de coração, e lançou-se, em 1848, num movimento revolucionário e, após o malogro deste, soube conservar o prestígio sem abjurar as suas ideias¹⁰.

A escrita de Amandine tinha uma preocupação social sincera pois participou ativamente da revolução de 1848 na França¹¹, ou seja, lutando contra as forças conservadoras na Segunda República e criando uma organização de reivindicação social para os trabalhadores, o que foi malgrado. Também suas obras demonstravam um palco bucólico e do universo dos contos, e os personagens invariavelmente possuíam muito de poesia e otimismo pela vida¹². Destarte,

George Sand tinha a impressão de viver num mundo de homens e mulheres desinteressados que procuravam a verdade acerca de sua natureza humana e, assim sendo, ela se oferecia como elemento de análise, como um espécime de valor para como elemento de análise, como uma espécie de valor para este laboratório de pesquisas psíquicas. Submetia-se às experiências na esperança de que outros pudessem aproveitar. [...] George Sand era uma mulher à frente de seu tempo. Bem conhecida por seus trabalhos como por seus vários romances com pessoas famosas da época, [...]. Suas obras chegam a 110 volumes. Começando pela ficção romântica, voltou-se depois para as novelas de caráter social e, durante quarenta e cinco anos, passou a escrever novelas pastorais que se converteram em literatura clássica. Teve um sucesso espantoso. Um estilo de vida que

¹⁰ GARCIA, Dolores Aparecida; MORAIS, Simone Sanches Vicente; LEE, Henrique de Oliveira. Autobiografia de George Sand: uma mulher à frente de seu tempo. REVELL: Revista de Estudos Literários da UEMS, v. 1, n. 15, p. 343-344, 2017.

¹¹ Sobre o assunto, vide: HOBBSAWM, Eric J. *A Era das Revoluções: 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

¹² Destacamos também, dentre as obras de Amandine, a obra "A História de Minha Vida" e a reunião de cartas trocadas com Flaubert.

escandalizou a sociedade parisiense (MAUROIS, 1956). [...] Sua escrita passou por várias fases. Romances como *Indiana* (1832), o primeiro assinado como George Sand, ou *Valentine* (1833) são um exemplo claro de novela romântica tão em voga naqueles dias, e foram bem recebidos pelo público. Então, com um estilo mais engajado, ela exibiu suas novelas socialistas e os seres humanos como em *Consuelo* (1842) *Ideais e Lagoa do Diabo* (1846). Desapontada com os resultados da revolução de 1848, decidiu que Nohant seria sua aposentadoria final. Neste período, ela escreveu obras de caráter mais realista baseado na vida do país, as dificuldades que as famílias passaram, como no caso do romance *La Petite Fadette* (1849)¹³.

Vamos analisar agora seu *Notice* da obra *La Petite Fadette*; a edição de 1849 foi afetada pelas ideias de luta revolucionária mas ainda não continha o prólogo atual, ele somente iria aparecer na reedição de 1851¹⁴ (já com um olhar mais crítico ao passado e melancólico). Irei fazer algumas observações na sequência do *Notice*:

NOTICE - Amandine Aurore Lucile Dupin.	AVISO - Amandine Aurore Lucile Dupin. Nossa tradução:
C'est à la suite des néfastes journées de juin 1848, que troublé et navré, jusqu'au fond de l'âme, par les orages extérieurs, je m'efforçai de retrouver dans la solitude, sinon le calme, au moins la foi. Si je faisais profession d'être philosophe, je pourrais croire ou prétendre que la foi aux idées entraîne le calme de l'esprit en présence des faits désastreux de l'histoire contemporaine; mais il n'en est point ainsi pour moi, et j'avoue humblement que la certitude d'un avenir providentiel ne saurait fermer l'accès, dans une âme d'artiste, à la douleur de traverser un présent obscurci et déchiré par la guerre civile. Pour les hommes d'action qui s'occupent personnellement du fait politique, il y a, dans tout parti, dans toute situation, une fièvre d'espoir ou d'angoisse, une colère ou une joie,	Foi depois dos nefastos dias de junho de 1848, que perturbado e com o coração partido, até as profundezas da minha alma, pelas tempestades externas, me esforcei para encontrar na solidão, se não calma, pelo menos fé. Se eu professasse ser um filósofo, poderia acreditar ou afirmar que a fé nas ideias leva à calma da mente na presença dos fatos desastrosos da história contemporânea; mas não é assim para mim, e admito humildemente que a certeza de um futuro providencial não pode fechar o acesso, na alma de um artista, à dor de passar por um presente obscurecido e dilacerado pela guerra civil. Para os homens de ação que se ocupam pessoalmente de questões políticas, existe, em qualquer partido, em qualquer situação, uma febre de esperança ou angústia, raiva ou alegria,

¹³ GARCIA, Dolores Aparecida; MORAIS, Simone Sanches Vicente; LEE, Henrique de Oliveira. Autobiografia de George Sand: uma mulher à frente de seu tempo. REVELL: Revista de Estudos Literários da UEMS, v. 1, n. 15, p. 345-347, 2017.

¹⁴ SAND, George. *La petite fadette*. Paris: Association de Bibliophiles Universels, 1999.

l'enivrement du triomphe ou l'indignation de la défaite. Mais pour le pauvre poète, comme pour la femme oisive, qui contemplant les événements sans y trouver un intérêt direct et personnel, quel que soit le résultat de la lutte, il y a l'horreur profonde du sang versé de part et d'autre, et une soif de désespoir à la vue de cette haine, de ces injures, de ces menaces, de ces calomnies qui montent vers le ciel comme un impur holocauste, à la suite des convulsions sociales. Dans ces moments-là, un génie orageux et puissant comme celui du Dante, écrit avec ses larmes, avec sa bile, avec ses nerfs, un poème terrible, un drame tout plein de tortures et de gémissements. Il faut être trempé comme cette âme de fer et de feu, pour arrêter son imagination sur les horreurs d'un enfer symbolique, quand on a sous les yeux le douloureux purgatoire de la désolation sur la terre. De nos jours, plus faible et plus sensible, l'artiste, qui n'est que le reflet et l'écho d'une génération assez semblable à lui éprouve le besoin impérieux de détourner la vue et de distraire l'imagination, en se reportant vers un idéal de calme, d'innocence et de rêverie. C'est son infirmité qui le fait agir ainsi, mais il n'en doit point rougir, car c'est aussi son devoir. Dans les temps où le mal vient de ce que les hommes se méconnaissent et se détestent, la mission de l'artiste est de célébrer la douceur, la confiance, l'amitié, et de rappeler ainsi aux hommes endurcis ou découragés, que les mœurs pures, les sentiments tendres et l'équité primitive, sont ou peuvent être encore de ce monde. Les allusions directes aux malheurs présents, l'appel aux passions qui fermentent, ce n'est point là le chemin du salut: mieux vaut une douce chanson, un son de pipeau rustique, un conte pour endormir les petits enfants sans frayeur et sans souffrance, que le spectacle des maux réels renforcés et rembrunis encore par les couleurs de la fiction. Prêcher l'union quand on s'égorge, c'est crier dans le désert. Il est des temps, où les âmes sont si agitées qu'elles sont sourdes à toute

a embriaguez do triunfo ou a indignação pela derrota. Mas para o pobre poeta, como para a mulher preguiçosa, que contempla os acontecimentos sem encontrar neles um interesse direto e pessoal, seja qual for o resultado da luta, há o profundo horror do sangue derramado dos dois lados. E um cuidado com desespero ao ver este ódio, estes insultos, estas ameaças, estas calúnias que sobem ao céu como um holocausto impuro, na sequência de convulsões sociais. Em tais momentos, um gênio tempestuoso e poderoso como o de Dante, escreve com suas lágrimas, com seu fel, com seus nervos, um poema terrível, um drama cheio de torturas e gemidos. Você tem que estar encharcado como esta alma de ferro e fogo, para parar sua imaginação nos horrores de um inferno simbólico, quando você tem diante de seus olhos o doloroso purgatório da desolação na terra. Hoje, mais fraco e sensível, o artista, que é apenas o reflexo e o eco de uma geração bastante semelhante a ele, sente a necessidade imperiosa de desviar o olhar e distrair a imaginação, cedendo a um ideal de calma, inocência e devaneio. É sua enfermidade que o faz agir assim, mas ele não deve se envergonhar disso, pois é também seu dever. Em tempos em que o mal vem daquilo que os homens desprezam e odeiam uns aos outros, a missão do artista é celebrar a gentileza, a confiança, a amizade e, assim, lembrar aos homens endurecidos ou desencorajados que as maneiras puras, sentimentos ternos e justiça primitiva são, ou podem ainda ser, deste mundo. Alusões diretas aos infortúnios presentes, o apelo às paixões que fermentam, este não é o caminho da salvação: melhor uma doce canção, um som de flauta rústica, um conto para fazer as crianças dormirem sem medo e sem sofrimento. Males reais reforçados e escurecidos ainda pelas cores da ficção. Pregar a união quando cortamos nossas gargantas é gritar no deserto. Há ocasiões em que as almas ficam tão inquietas que ficam surdas a qualquer exortação direta. Desde

exhortation directe. Depuis ces journées de juin dont les événements actuels sont l'inévitable conséquence, l'auteur du conte qu'on va lire s'est imposé la tâche d'être aimable, dût-il en mourir de chagrin. Il a laissé railler ses bergeries, comme il avait laissé railler tout le reste, sans s'inquiéter des arrêts de certaine critique. Il sait qu'il a fait plaisir à ceux qui aiment cette note-là, et que faire plaisir à ceux qui souffrent du même mal que lui, à savoir l'horreur de la haine et des vengeances, c'est leur faire tout le bien qu'ils peuvent accepter : bien fugitif, soulagement passager, il est vrai, mais plus réel qu'une déclamation passionnée, et plus saisissant qu'une démonstration classique.

GEORGE SAND. Nohant, 21 décembre 1851¹⁵.

aqueles dias de junho, dos quais os acontecimentos atuais são a consequência inevitável, o autor do conto que vamos ler impôs a si mesmo a tarefa de ser gentil, mesmo que morra de luto. Ele deixou seus bergeries zombarem, como havia feito tudo o mais zombar, sem se preocupar com o fim de certas críticas. Ele sabe que deu prazer a quem gosta daquela nota, e que agradar a quem sofre do mesmo mal que ele, ou seja, o horror do ódio e da vingança, é fazer de tudo. Embora eles possam aceitar: muito fugaz, alívio temporário, é verdade, mas mais real do que uma declamação apaixonada e mais impressionante do que uma demonstração clássica.

GEORGE SAND. Nohant, 21 de dezembro de 1851.

Ao início temos um olhar político de Amandine e uma postura consciente sobre os acontecimentos históricos recentes da revolução. Na sequência ela chama a atenção para a ação social e critica o poeta ou a mulher preguiçosa para que conheçam os fatos. Amandine também aponta para a sinceridade de sentimentos, o que os poetas clássicos já tinham ensinado. Existe um olhar político e crítico de Amandine sobre a sociedade para que todos sejam mais esclarecidos. A voz da poetisa se manifesta unindo a consciência política, social e da arte literária. E por fim,

Tudo que alguma mulher tenha sentido ou sofrido está reunido na vida de George Sand. Pronunciadamente doméstica, foi também a mulher dotada de maior espírito público entre os seus contemporâneos. Profundamente maternal, tornou-se independente e chegou a parecer as criaturas do seu tempo que tinha um lugar de homem no mundo. George Sand foi a moderna mulher, ela agitou no mundo da flama. No período monarquista, foi republicana. Na sociedade ortodoxa, ficou fora de igreja. Vivendo no tipo difícil de Napoleão, lutou pela reforma das leis que lhe pareciam opressiva. Por estar à frente dos seus dias e daí a necessidade que sentiu de buscar o

¹⁵ SAND, George. *La petite fadette*. Paris: Association de Bibliophiles Universels, 1999, p.2-3.

convívio exclusivo dos homens e, como é natural, pela convivência, adotou as maneiras daqueles com que conviviam¹⁶.

Compartilhando desse universo da busca de autonomia da mulher através de seus escritos apresentamos outra escritora que vamos utilizar o nome real nesse momento de resgate de memórias, conhecida pelo pseudônimo George Eliot, hoje reconhecida também pelo seu nome de Mary Ann Evans.

Mary Ann Evans (1819-1880) foi uma romancista inglesa e uma intelectual protagonista de sua vida e produção literária. Como no caso de Amandine, Mary Ann teve que usar um pseudônimo, no caso dela de George Eliot, para os editores aceitarem suas publicações que tratavam de temas com um olhar social e filosófico aprofundado.

A obra *Middlemarch* (1871-1872) foi tratado na época como uma escrita “masculina” certamente um preconceito editorial da época com a ideia de mulheres serem também filósofas/escritoras. Mary Ann também questionava em suas obras as categorias de gênero, os elementos éticos e morais da sociedade de sua época vitoriana, e criticava a família de dominação patriarcal.

Mary Ann nasceu em Nuneaton que era um condado de Warwickshire em 1819 e desde cedo tinha um interesse genuíno pelos livros. Teve o raro apoio de seu pai em sua formação intelectual, fato este que a ajudou a ampliar seus horizontes intelectuais. Por ter acesso a bibliotecas o seu protagonismo foi sendo desenvolvido através de leituras da antiguidade e do medievo, e sobre os conflitos envolvendo os anglicanos. Se envolveu em debates com intelectuais progressistas, dentre eles, com Robert Owen e Ludwig Feuerbach. Sobre essa formação intelectual de Mary Ann podemos acrescentar:

George Eliot vive en su adolescencia, guiada por una de sus maestras, las contradicciones emocionales de una ferviente religiosidad calvinista,

¹⁶ GARCIA, Dolores Aparecida; MORAIS, Simone Sanches Vicente; LEE, Henrique de Oliveira. Autobiografia de George Sand: uma mulher à frente de seu tempo. REVELL: Revista de Estudos Literários da UEMS, v. 1, n. 15, p. 351-352, 2017.

llegando a considerar la literatura como lectura no recomendable por ser banal y no edificante. Su carácter, marcado desde la infancia por la fuerza afectiva y la energía intelectual, hará posible que, andando el tiempo, George Eliot rechace toda idea religiosa y dedique su vida exclusivamente a la literatura. En 1842 George Eliot empieza a frecuentar un grupo de liberales en Coventry con los que modifica y amplía su propio mundo intelectual y da un giro significativo hacia lo que va a ser su vida futura. Con los amigos de Coventry lleva a cabo la lectura de la Biblia desde un punto de vista racionalista, a partir de la cual rechaza George Eliot todo lo que antes había encontrado de sobrenatural en aquélla; esto, unido a una posterior traducción que la autora hace de La vida de Jesús del alemán Strauss, donde éste despoja paulatinamente a Jesucristo de todos sus atributos divinos, abocan a George Eliot ,hacia la irreligiosidad, no hacia el ateísmo. También del alemán, en la misma línea ideológica y con el mismo efecto que la obra anterior, tradujo G. Eliot La esencia del cristianismo de Feuerbach. La preparación intelectual de George Eliot sigue la pauta del pensamiento victoriano: estudió Griego, Latín, Hebreo, Italiano y Alemán, química, matemáticas, investigación médica, metafísica e historia de la iglesia, era lectora asidua de la literatura clásica, las tragedias griegas, Aristóteles, Montaigne, Wilberforce y Pascal, entre otros. Leyó y reserió El origen de las especies a la semana de su publicación y llegó a traducir del latín buena parte de la Etica de Espinoza. En esta primera época de su vida como autora (no olvidemos que no publica su primera novela, Adam Bede, hasta 1859, cuando ya cuenta 40 años de edad) escribe poesía mediocre y artículos de fondo para diferentes periódicos londinenses, y durante dos años edita el periódico liberal Westminster Review. Es amiga de John Stuart Mill, Herbert Spencer, T. H. Huxley, Carlyle y Thackeray, mantiene correspondencia con Harriet Beecher Stowe y conoce personalmente a Dickens, Mrs. Gaskell, Cruikshank, Froude y Emerson, entre otros¹⁷.

Após a morte de seu pai, Mary Ann foi viajar com seus amigos intelectuais por alguns países europeus, procurando estudar cada vez mais. Em 1850, em Londres, Mary Ann decidiu ser escritora e trabalhou por um breve momento como editora. Um ano depois foi morar junto com o crítico literário George Henry Lewes e com ele teve um relacionamento aberto. As viagens para Berlin enriqueceram o conhecimento de Mary Ann. Depois desse

¹⁷ SUÁREZ LAFUENTE, María Socorro. Influencias socio-culturales en la obra de George Eliot. *Archivum: Revista de la Facultad de Filología*, p. 345-346, 1984.

relacionamento, Mary Ann casou-se com o jovem John Cross e logo depois ficou gravemente enferma e faleceu.

Podemos destacar ainda as influencias intelectuais que Mary Ann Evans/George Eliot recebeu e compartilhou:

Intelectualmente George Eliot era considerada por la sociedad victoriana como esencialmente positivista, a la vista de sus propias palabras: «... we have no knowledge of anything but phenomena and our knowledge of phenomena is relative, not absolute», y como conciliadora de la esencia del cristianismo con el espíritu de la ciencia. Este ultimo punto resalta la disputa victoriana de «religión versus ciencia» y pone en candelero la importancia del libre albedrío («free will»). La posición de George Eliot ante esta cuestión era aceptar la «voluntad relativa» propugnada por Lewes en su *Study of Psychology*: «Each sailor knows that he moves with the vessel, but knows also that he is free to move to and from deck». En *Middlemarch*, por ejemplo, queda bien claro que para que la voluntad actúe positiva y beneficiosamente hay que reconciliarse con las prosaicas condiciones de la existencia humana, es decir, hay que admitir el «vessel»; hay que tamizar la voluntad a través de la experiencia y no queda así lugar al heroísmo épico. Intelectualmente, pues, George Eliot es una mezcla de su primer calvinismo, tamizado por las ideas psicologistas de Lewes, y del utilitarismo coetáneo modificado por el positivismo, según Comte, que propugnaba Lewes, positivismo que fue pronto apuntalado por el evolucionismo de Darwin. En el campo estrictamente literario George Eliot cumple todos los requisitos que el propio Lewes exige al novelista victoriano de «wit, philosophy, descriptive powers and a sense of the dramatic», donde los dos últimos puntos implican habilidad para escribir diálogos y para conseguir un ambiente dramático. Las novelas de Eliot tienen, según Joan Bennett, una de sus críticas más interesantes, «...the spell binding power of the *Ancient Mariner*»; son largas, con gran variedad y riqueza de detalles, donde a pesar de las muchas situaciones y personajes nada es irrelevante, todo ello unido por una elaborada historia de interrelaciones, dentro de un marco comprensivo la sociedad. La autora se sitúa fuera de la acción, haciendo comentarios omniscientes sobre sus personajes y mezclando todos los elementos en un tono bien irónico, cómico o patético y con frecuencia discursivo, que le confiere su peculiar estilo narrativo. En su obra ha recogido George Eliot el sentido dramático de la tragedia griega clásica, el espíritu romántico y toques estilísticos de la narración de Sir Walter Scott, a quien había leído con avidez desde su niñez, de Cervantes toma el problema existente entre la realidad y la ilusión, que ella lleva al terreno psicológico, y de John Ruskin toma la idea

de realismo: «all truth and beauty are to be attained by a humble and faithful study of nature». Pero las dos influencias más directas y más notorias son las de Wordsworth y Jane Austen¹⁸.

Mary Ann acreditava em seus ideais literários formados tanto pela crítica da teologia cristã quanto pela filosofia racional e social. Mary Ann buscava-se protagonista de seu destino através de uma sociedade de homens, e além disso, questionava os padrões de gênero ao contestar a submissão da mulher em sua época; por exemplo, promovia a liberdade visual (Amandine também compartilha disso com Mary Ann). E sobre a questão do feminino podemos pensar que:

La mujer es un tema importante en las novelas de Eliot porque ser mujer es el factor más determinista en la vida de una persona. Biológicamente las mujeres están condicionadas por la maternidad, y socialmente unica y exclusivamente pueden elegir (y eso sólo a veces) quién va a ser su amo y señor; «... a woman, let her be as good as she may has got to put un with the life her husband makes for her.», dice Mr. Garth en Middlemarch. Todos estos factores colocan a la mujer en la patética situación de tener que sufrir efectos que ella no ha provocado, tales como verse envuelta en la vergüenza o en la culpa familiar aun cuando ella sea moralmente inocente. Si bien Lydgate y Dorothea tienen aspiraciones, sólo él, por ser hombre, puede acceder a la universidad. [...] La mujer está abocada al sometimiento y al aburrimiento: a esto ultimo puede buscar una salida en el matrimonio, buscar un hombre que sea aquello a lo que ella aspira para satisfacer sus propias pretensiones no satisfechas. Si esto falla, como en el caso de Dorothea, ha de buscar una sublimación, generalmente en la beneficencia. Lo normal tristemente era que la mujer pasase del yugo paterno al del esposo sin realizarse personalmente, aunque las mujeres de George Eliot no son las «good young women» de otros novelistas decimonónicos y se rebelan, dentro de sus posibilidades, contra su situación¹⁹.

¹⁸ SUÁREZ LAFUENTE, María Socorro. Influencias socio-culturales en la obra de George Eliot. *Archivum: Revista de la Facultad de Filología*, p. 349-351, 1984.

¹⁹ SUÁREZ LAFUENTE, María Socorro. Influencias socio-culturales en la obra de George Eliot. *Archivum: Revista de la Facultad de Filología*, p. 354, 1984.



Mary Ann Evans (George Eliot) por Alexandre Louis François d'Albert Durade (1804-86)²⁰.

Demonstrando assim sua personalidade multifacetada e intelectualmente complexa, vamos refletir sobre o prelúdio²¹ de sua obra *Middlemarch* de 1871/72, um dos livros que Virgínia Woolf defendeu como maduro intelectualmente. Irei fazer algumas observações na sequência do *Prelude*:

PRELUDE – Mary Ann Evans.	PRELÚDIO – Mary Ann Evans. Nossa tradução:
Who that cares much to know the history of man, and how the mysterious mixture behaves under the varying experiments of Time, has not	Quem se importa muito em saber a história do homem, e como a misteriosa mistura se comporta sob os vários experimentos do Tempo,

²⁰ Mary Ann Evans (George Eliot) por Alexandre Louis François d'Albert Durade (1804-1886). Disponível: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/4/48/George_Eliot%2C_por_Fran%3%A7ois_D%27Albert_Durade.jpg/280px-George_Eliot%2C_por_Fran%3%A7ois_D%27Albert_Durade.jpg (Acesso em 06/07/2021).

²¹ ELIOT, George. *Middlemarch*. UCN: The Project Gutenberg EBook, 2003.

dwelt, at least briefly, on the life of Saint Theresa, has not smiled with some gentleness at the thought of the little girl walking forth one morning hand-in-hand with her still smaller brother, to go and seek martyrdom in the country of the moors? Out they toddled from rugged Avila, wide-eyed and helpless-looking as two fawns, but with human hearts, already beating to a national idea; until domestic reality met them in the shape of uncles, and turned them back from their great resolve. That child-pilgrimage was a fit beginning. Theresa's passionate, ideal nature demanded an epic life: what were many-volumed romances of chivalry and the social conquests of a brilliant girl to her? Her flame quickly burned up that light fuel; and, fed from within, soared after some illimitable satisfaction, some object which would never justify weariness, which would reconcile self-despair with the rapturous consciousness of life beyond self. She found her epos in the reform of a religious order. That Spanish woman who lived three hundred years ago, was certainly not the last of her kind. Many Theresas have been born who found for themselves no epic life wherein there was a constant unfolding of far-resonant action; perhaps only a life of mistakes, the offspring of a certain spiritual grandeur ill-matched with the meanness of opportunity; perhaps a tragic failure which found no sacred poet and sank unwept into oblivion. With dim lights and tangled circumstance they tried to shape their thought and deed in noble agreement; but after all, to common eyes their struggles seemed mere inconsistency and formlessness; for these later-born Theresas were helped by no coherent social faith and order which could perform the function of knowledge for the ardently willing soul. Their ardor alternated between a vague ideal and the common yearning of womanhood; so that the one was disapproved as extravagance, and the other condemned as a lapse. Some have felt that these blundering lives are due to the

não permaneceu, pelo menos brevemente, (interessado) sobre a vida de Santa Teresa, não sorriu com alguma gentileza ao pensar na menina caminhando em uma manhã de mãos dadas com seu irmão ainda menor, ir buscar o martírio no território dos muçulmanos? Para fora eles cambalearam da robusta Ávila, de olhos arregalados e aparência indefesa como dois filhotes, mas com corações humanos, já batendo com uma ideia nacional; até que a realidade os encontrou na forma de tio, e os afastou de sua grande resolução. Essa peregrinação infantil foi um começo adequado. A natureza apaixonada e ideal de Theresa exigia uma vida épica: o que era romances multifacetados de cavalaria e as conquistas sociais de uma garota brilhante para ela? Sua chama rapidamente consumiu aquele combustível leve; e, alimentado de dentro, disparou após alguma satisfação ilimitada, algum objeto que nunca justificaria o cansaço, que reconciliaria, desesperou-se com a consciência arrebatadora da vida além de si mesma. Ela encontrou seu epos na reforma de uma ordem religiosa. Aquela espanhola que viveu há trezentos anos, foi certamente não o último de sua espécie. Muitas Theresas nasceram que não encontraram para si nenhuma vida épica em que houvesse um constante desdobramento de ação ressonante distante; talvez apenas uma vida de erros, a descendência de uma certa grandeza espiritual incompatível com a mesquinhez da oportunidade; talvez uma falha trágica que encontrou nenhum poeta sagrado e caiu inconsciente no esquecimento. Com luzes fracas e circunstância confusa, eles tentaram moldar seus pensamentos e ações em nobre acordo; mas afinal, para olhos comuns, suas lutas pareciam mera inconsistência e sem forma; para estes nascidos mais tarde As Theresas não eram ajudadas por nenhuma fé e ordem social coerente que pudesse desempenhar a função de conhecimento para a alma ardentemente disposta. Seu ardor alternava

inconvenient indefiniteness with which the Supreme Power has fashioned the natures of women: if there were one level of feminine incompetence as strict as the ability to count three and no more, the social lot of women might be treated with scientific certitude. Meanwhile the indefiniteness remains, and the limits of variation are really much wider than any one would imagine from the sameness of women's coiffure and the favorite love-stories in prose and verse. Here and there a cygnet is reared uneasily among the ducklings in the brown pond, and never finds the living stream in fellowship with its own oary-footed kind. Here and there is born a Saint Theresa, foundress of nothing, whose loving heart-beats and sobs after an unattained goodness tremble off and are dispersed among hindrances, instead of centring in some long-recognizable deed²².

entre um vago ideal e o anseio comum da feminilidade; de modo que aquele foi reprovado como extravagância, e o outro condenado como um lapso. Alguns acham que essas vidas desastradas são devido a indefinição inconveniente com a qual o Poder Supremo moldou a natureza das mulheres: se houvesse um nível de feminino incompetência tão estrita quanto a capacidade de contar até três e não mais, a sorte social das mulheres pode ser tratada com certeza científica. Enquanto isso, a indefinição permanece, e os limites de variação são realmente muito mais amplos do que qualquer um poderia imaginar pela mesmice de penteados femininos e as histórias de amor favoritas em prosa e versos. Aqui e ali, um cygnet é criado desconfortavelmente entre os patinhos na lagoa marrom, e nunca encontra o riacho vivo na comunhão com seu próprio tipo de pés oary. Aqui e ali nasce uma Santa Teresa, fundadora do nada, cujo amoroso coração bate e soluça após uma bondade não alcançada, estremece e se dispersa entre os obstáculos, em vez de se concentrar em alguma ação há muito reconhecível.

Mary Ann começa com uma síntese da história de Santa Teresa de Ávila do século XVI e ela chama a atenção para as garotas que são por si só importantes e que tenham mais perspicácia na vida, tendo um objetivo mais maduro mas sem perder a vontade de realizações. Nesse sentido destacamos a passagem final da narrativa do prelúdio que sintetiza bem o olhar da escritora: “Here and there is born a Saint Theresa, foundress of nothing, whose loving heart-beats and sobs after an unattained goodness tremble off and are dispersed among hindrances, instead of centring in some long-recognizable deed”²³, na nossa tradução "Aqui e ali nasce uma Santa Teresa, fundadora do nada, cujo amoroso coração bate e soluça após

²² ELIOT, George. *Middlemarch*. UCN: The Project Gutenberg EBook, 2003, p.2.

²³ ELIOT, George. *Middlemarch*. UCN: The Project Gutenberg EBook, 2003, p.2.

uma bondade não alcançada, estremece e se dispersa entre os obstáculos, em vez de se concentrar em alguma ação há muito reconhecível".

Essa mesma chamada de atenção para a ação humana está em *Middlemarch*. No referido livro a escritora portanto utiliza a técnica da “teia de aranha”²⁴ em que a narrativa demonstra um microcosmo social e filosófico. Ademais,

En esta novela, que trata el «birth, rank and class», la filosofía del dinero, los problemas entre paisanos, y la religión, política y profesión. Existen tres temas dominantes: 1) los condicionamientos v limitaciones que el ambiente social opone a las aspiraciones individuales. Para ilustrar esto, Eliot presenta no ideas sino experiencias. el mundo como es, no como ella desearía que fuese. Continuamente hace referencia al distinto grado de influencia que tiene sobre el carácter y las reacciones del individuo el conocer algo por experiencia y no idealmente. 2) La complejidad en la relación social entre individuos sobresalientes y la masa mediocre; es decir, lo que el individuo ve y lo que «the collective mind» ve, y 3) la importancia de los actos y la responsabilidad del hombre al llevarlos a cabo. En Romola dice Eliot: «... we prepare ourselves for sudden deeds by the reiterated choice of good and evil which gradually determines character», de donde se infiere que no es el destino, pues, sino el hombre quien labra su propio futuro; «our deeds determine us as much as we determine our deeds», aparece en Adam Bede. Para conseguir un futuro prometedor es necesaria mucha fuerza de voluntad, pues el carácter «is something living and changing, and may become diseased as our bodies do». (*Middlemarch*). La responsabilidad que lo anteriormente expuesto exige al individuo la atenua George Eliot al admitir, en varios momentos de su obra, que existe una herencia biológica por la que el carácter y los hechos de los antepasados condicionan al hombre actual, que la situación social es una fuerza condicionante importante: «it's rather a strong; check to one's selfcomplacency to find how much of one's right doing depends on not being in want of money» y que existe algun organizador interno de las experiencias vitales aue las va dirigiendo de manera determinada. Este organizador, previsto en los estudios de Lewes sobre psicología pudiera ser lo que Freud denominará más adelante subconsciente. Admite también Eliot la cadena causa-efecto, aunque no el determinismo total (recuérdese la metáfora del barco) pues se pueden elegir las causas o modificar los efectos. Al «determinismo» lo denomina George Eliot en *Middlemarch*

²⁴ SUÁREZ LAFUENTE, María Socorro. Influencias socio-culturales en la obra de George Eliot. *Archivum: Revista de la Facultad de Filología*, p. 355-357, 1984.

como «train of causes», «force of circumstances», «irony of events» y «rush of unintended consequences». En las palabras de Eliot que cito a continuación encontramos el engarce entre el propósito intelectual y la técnica narrativa de la autora: «The only effect I ardently long to produce by my writings is, that those who read them should be better able to imagine and to feel the pains and the joys of those who differ from themselves in everything but the broad fact of being struggling, erring, human creatures». [...] Eliot presenta la vida interna de los personajes por medio de una técnica psicológica refinada que prelude el «dramatized consciousness» de Henry James y el «stream of consciousness» de Virginia Woolf²⁵.

Mary Ann e Amandine constantemente chamam a atenção para a ação da mulher em suas sociedades. E isso é claro aparece na narrativa global na continuidade dos prólogos, nos enredos dos livros delas. Só para visualizarem o geral da obra brevemente: (ambas as obras trabalham com a paisagem campestre, do interior, como uma narrativa isolada do espaço/tempo): Amandine, em *A pequena Fadette: Os irmãos gêmeos* (Sylvain e Landry) que se tornam rivais (tal como Esaú e Jacó, por exemplo) irão ter que lidar com a presença de Fadette (que possui habilidades de feiticeira ensinadas pelas mulheres de sua família, em especial a avó), ela irá colocar em questão a postura machista e aristocrática deles. Landry se apaixonando e Sylvain se afastando. Amandine inverte a posição das mulheres na história colocando os homens numa situação conflituosa diante da personagem feminina. Além disso Fadette apresenta questões sociais/políticas acima dos pessoais. E com Mary Ann, em *Middlemarch*: A personagem Dorothea busca pelo amor intelectual que considera mais elevado que as simples paixões. Encontra no Pastor Eduardo Casaubon um possível companheiro de vida mas ele tem vícios morais incompatíveis com o intelectual imaginado por Dorothea. Depois de debates com a irmã Célia (que lembram o estilo dos debates

²⁵ SUÁREZ LAFUENTE, María Socorro. Influencias socio-culturales en la obra de George Eliot. *Archivum: Revista de la Facultad de Filología*, p. 355-357, 1984.



platônicos) encontra o caminho do amor elevado/intelectual ao lado de Will Ladislav (acrescentamos que aqui também aparecem traços da tradição puritana no livro).

O amor elevado é por fim o intelectual ao lado da ação prática e é isso que as escritoras, Amandine/G. Sand e Mary Ann/G. Eliot passam como mensagem para nós mulheres através das obras aqui estudadas.

**Referências bibliográficas**

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007. BEAUVOIR, Simone. *Memórias de uma moça bem-comportada*. RJ: Nova Fronteira, 2017.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- ELIOT, George. *Middlemarch*. UCN: The Project Gutenberg EBook, 2003.
- GARCIA, Dolores Aparecida; MORAIS, Simone Sanches Vicente; LEE, Henrique de Oliveira. Autobiografia de George Sand: uma mulher à frente de seu tempo. *REVELL: Revista de Estudos Literários da UEMS*, v. 1, n. 15, p. 341-353, 2017.
- HOBSBAWM, Eric J. *A Era das Revoluções: 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.
- PACHECO, Juliana. Judith Butler: a filósofa da desconstrução. PACHECO, J. (org.). *Filósofas: a presença das mulheres na filosofia*. Porto Alegre: Editora Fi, 2016, p.373-395.
- SAND, George. *La petite fadette*. Paris: Association de Bibliophiles Universels, 1999.
- SUÁREZ LAFUENTE, María Socorro. Influencias socio-culturales en la obra de George Eliot. *Archivum: Revista de la Facultad de Filología*, p. 343-359, 1984.